p/Sylvia

O cavalo dos outros — Um estudo sobre a categoria social — Educação e os alunos do Programa de Alfabetização Funcional do MOBRAL.

1. Considerações gerais:

A pesquisa desenvolvida no período de janeiro de 1978, a novembro de 1979, na Cidade de Deus, Jacarepaguá, embora caracterize a comunidade trabalhada, teve como objetivo avaliar o Programa de Alfabetização do MOBRAL através do acompanhamento das atividades desenvolvidas em classes de Alfabetização Funcional. A relevância se concentrou na análise dos efeitos produzidos sobre o aluno, não só no ângulo estritamente pedagógico mas, também, em relação a outros aspectos tais como o sócio-econômico, o psicológico e o lingüístico. Vale destacar as indagações que nortearam a proposta de trabalho da equipe e que interessam profundamente à DISUP, neste momento de avaliação do PAF. Tais indagações foram:

— "De que maneira a alfabetização relaciona-se à problemática do trabalho? Significa o acesso a uma profissão melhor remunerada ou mais qualificada?"

— "Representa uma nova perspectiva sobre a própria profissão num melhor desempenho?"

— "Até que ponto a alfabetização é fonte para o indivíduo assimilar valores e comportamentos inerentes ao desempenho de papéis urbano-industriais?"

— "Em que sentido a alfabetização relaciona-se à obtenção de documentação e benefícios que o Estado oferece?"

A cada passo do desenvolvimento desse árduo trabalho, obtivemos uma percepção concreta das atitudes e expectativas da população alvo — o homem analfabeto, com suas experiências de vida, seus anseios, suas críticas e suas acomodações ao ritmo de vida de um conjunto habitacional, com alguns aspectos ainda peculiares às favelas onde viveram anteriormente.

2. Desenvolvimento do trabalho:

A convivência com os moradores da Cidade de Deus foi sendo realizada pela equipe pesquisadora com inúmeras dificuldades, sendo necessário muita persistência para a obtenção dos dados coletados.

Pontos que consideramos relevantes para o trabalho do Grupo de Reestudo do PAF:

2.1 As entrevistas e conversas informais, bem descontraídas, realizadas com os alunos das classes do MOBRAL cujo trabalho foi acompanhado:

Os alfabetizandos, inicialmente arredios, contam, por exemplo, como precisam ter força de vontade para frequentarem as classes de Alfabetização do MOBRAL pois outros colegas e até familiares caçoam e fazem referências a eles com chacotas. Isso demonstra como há necessidade de haver muita força de vontade da pessoa para não desanimar e se ausentar, definitivamente do MOBRAL.

Nossa observação, então, diante desse fato, nos faz pensar o quanto de motivação deve, a cada dia, ser despertada no aluno para que ele não desista! Será, indagamos, que a evasão que efetivamente ocorre é ocasionada pela falta de motivação e conseqüente monotonia das horas passadas em classe? Será esse aluno do MOBRAL mais exigente do que supomos?

2.2 A grande importância que os alunos do MOBRAL demonstraram quanto à assinatura do próprio nome:

Os alfabetizandos demonstraram, de um modo geral, o quanto saber assinar o nome representava em suas vidas. Há registro de situações que apresentam uma capacidade de análise verdadeiramente surpreendente por parte dos entrevistados. Mas, enquanto uns afirmam que é ótimo saber assinar o nome "porque não têm mais que pôr o dedo" outros, em contrapartida, dizem:

"O MOBRAL é pior, porque o cara sabe assinar e não sabe ler. Não sabe nem datar". Esta é uma crítica que pessoas da comunidade veiculam, como esta outra que destacamos:

"E o MOBRAL é até pior, pois a pessoa sabe assinar e não sabe o que está assinando".

Há, porém, um grande e imediato interesse dos alfabetizandos em aprender a escrever seu nome. Na afirmativa acima, porém, se evidencia a necessidade, também, de saber ler o que se assina; é uma concepção bem mais ampla do que é "ser alfabetizado".

Essa a nosso ver será um alerta aos alfabetizadores, de um modo geral, situando-os em sua verdadeira função.

2.3 Outro ponto a destacar é a euforia de alunos que já iniciam e/ou dominam a leitura. Disseram eles:

"... não se precisar mais pedir a alguém que leia a tabuleta", referindo-se a logradouros públicos. Talvez, diz a pesquisa, "o típico e o recorrente seja isto: um sentimento subjetivo de que a alfabetização melhora a situação de alguém. Sentimento este que dificilmente é colocado em termos objetivos; quando isto ocorre, os exemplos típicos são a assinatura, e o da independência em relação aos outros — o de poder, por si só, orientar-se na rua. Isto talvez indique a constituição do sujeito como sujeito social"

2.4 No item — Educação e trabalho no discurso dos alunos do MOBRAL — ficou documentado que estudo está muito relacionado a trabalho:

Destacamos algumas respostas dadas às entrevistadoras:

... "eu tenho muita vontade de estudá, tirá o meu diploma de MOBRAL, depois eu arrumá um emprego pá mim trabalhá no estado"...

... "gostaria muito de arrumá ôto emprego...
Então quiria arrumá emprego assim melhó que tivesse minha carteira assinada" (empregada doméstica: 27 anos)

"Eu acho que tenho perdido muito emprego bom por eu num sabe lê..."

Desse modo "emprego melhor" é aquele que proporciona carteira assinada, mais garantia, benefícios previdenciários. Vê-se, então, a aceitação da educação como um meio disponível de ascensão e mobilidade social. Alinhamos, ainda, depoimentos onde as questões mais relevantes estão ligadas aos sentimentos, valores e representações que levam alguém a procurar a alfabetização. Ainda pinçando algumas entrevistas realizadas, destacamos:

Pergunta a um aluno:

" — O que que é analfabeto?"

Resposta:

" — É uma pessoa que num tem istudo ninhum. Num sabe nada completamente apagado em tudo."

Esta afirmativa é anuladora, pois considera erradamente o analfabeto.

Completando um informante disse:

"Purque, olha, o imprego pudia ser um outro melhor, intendeu? Purque hoje quem tem istudo, tudo é o istudo, qui quem não sabe lê é capacho dos otros, é cavalo dos otros..."

Nesta definição observa-se que "ele percebe a sociedade considerando, porém, o analfabeto como categoria de coisa ou animal, sendo subordinado, dirigido.

Ainda como resposta temos:

..."analfabeto é cego"

..."quem não sabe ler e escrever está fora da sociedade".

Diz textualmente a pesquisa que "a maioria dos entrevistados se ressente da ausência de estudo na sua história de vida"...

Há, ainda, outra passagem da pesquisa onde se vê que estudo está associado à saúde, a um sentimento de bem-estar. Nesses casos o alfabetizando declara "se sentir melhor na escola". É um homem nervoso que no convívio da classe se acalma e se sente melhor.

As entrevistadoras preconizam a continuação do Programa de Alfabetização Funcional e ampliaram as suas perguntas para:

"Você está pensando em fazer o supletivo?"

Ficou evidenciado que havia incentivo por parte da alfabetizadora no sentido de que os alunos ingressassem no Supletivo. Uma alfabetizadora realizava até provas durante o curso de alfabetização para melhor avaliar as possibilidades dos alunos.

Esta prática, por exemplo, a nível de sala de aula do MOBRAL, caracterizou comportamentos e valores do Sistema Formal.

Mas, igualmente, há registro de respostas como esta:

— "Você acha que aprendeu já alguma coisa além de escrever e de ler, no MOBRAL?"

Resp . — "Escrevê eu sei escrevê bem, lê eu sei mais ou meno. Sei muito não. Sei assim, lê o que ela passa no quadro, nê. Que eu boto no meu caderno, então eu sei lê".

Outro diz:

..."se eu pegar um livro divagarinho eu leio ele todo, mas quando chega na hora qui eu tem qui ler pra ela, eu isqueço tudo, intendeu?"

Esta amostra de respostas nos leva a pensar no Programa de Educação Integrada, que exige leitura corrente e interpretativa...

2.5 A metodologia do PAF

As entrevistadoras, acompanhando o Convênio de agosto/78 o trabalho em classe, registraram:

— Houve oportunidade de observar a exploração do cartaz gerador em uma das classes visitadas e a alfabetizadora se orientava pelo roteiro do material didático do MOBRAL. Nessa ocasião, porém, foi observado que não havia troca de idéias, de experiências entre os alunos. O trabalho se resumia a uma série de perguntas feitas pela alfabetizadora e respondidas pelos alunos, estimulados a participar. Parece que se perdia a oportunidade de proporcionar maior crescimento dos alunos, fazendo-os, ainda, compreenderem que não são "completamente apagado" como disseram alguns...

— Os exercícios eram escritos no quadro negro e os alunos copiavam.

Os alunos demonstravam e mesmo disseram que era fácil copiar do quadro e com isso entendiam que já sabiam escrever...

É oportuno registrar o que uma alfabetizadora disse a respeito de uma aluna:

"Ela escreve, mas não sabe o que faz".

Por isso, os alunos acham mais fácil escrever do que ler.

2.6 Conclusões:

Analisando o convênio de agosto/78 temos como resultado final:

— Dos 23 alunos aprovados nas 3 turmas, 6 já haviam cursado o Programa.

— Dos 39 alunos não aprovados, 14 já haviam cursado o Programa, dos quais 5 já haviam sido aprovados anteriormente.

—— Indagações ——

- Por que a volta à sala de aula — regressão ou necessidade de convívio com os colegas?
- Até que ponto o índice de aprovados das turmas em questão representa mesmo o índice de alfabetizados?
- Com mais de 5 meses de estudo será que maior nº de alunos seria aprovado? (considerando aprovado — alfabetizado).
- A pesquisa ressalta que o aluno adulto analfabeto tem maior dificuldade de apredner e esquece logo e, que os cinco meses de curso de um modo geral são considerados insuficientes para resolver o problema. Textualmente diz:

"... os cinco meses de curso eram insuficientes para resolver o problema. No entanto, a prática do MOBRAL é orientada por um princípio de aceleração, segundo o qual o adulto analfabeto, por toda uma experiência de vida, estaria apto a realizar no espaço de tempo do programa de alfabetização. Toda uma reestruturação que o levaria à assimilação dos códigos de leitura, escrita e cálculo".

O que, então, insistentemente apontamos é a necessidade de um acompanhamento sistemático ao trabalho do alfabetizador, em classe. Referimo-nos, pois, a uma supervisão pedagógica, com a garantia da metodologia e, sobretudo, com o atingimento do objetivo específico do PAF — "desenvolver nos alunos as habilidades de leitura, escrita e contagem".

Nos depoimentos acima registrados observa-se que os conceitos de leitura e escrita se apresentam variáveis, quer em relação ao aluno, quer em relação ao professor. Para o alfabetizando consultado, o fato de ele afirmar que escreve com mais facilidade do que lê, significa ser essa escrita apenas uma

cópia mecânica, o desenho das letras.

A pesquisa realizada na Cidade de Deus e designada "O cavalo dos outros" é um estudo importante do que ocorreu numa comunidade com características muito especiais.

Inúmeros capítulos encerram estudos válidos, pela especificidade dos assuntos. Mais pessoas deveriam conhecê-la. Para nós, da DISUP, registramos, apenas alguns pontos peculiares às nossas indagações, ressaltando a que o alfabetizando vê, no estudo, "a única via de acesso existente na sociedade".

De que forma, pensamos, poderá o MOBRAL atender, verdadeiramente, a esse desejo da clientela pesquisada, se, de fato, esse também representa a expectativa de um universo maior.

Rio 22/3/982

Alfa Silveira

/me.